

Marielle Franco



1979-2018

Marielle Francisco da Silva, mais conhecida como Marielle Franco, nasceu em 1990. Filha de Marinete Francisco e Antônio da Silva Neto, foi criada no Complexo da Maré. Aos 11 anos de idade, deixou os estudos para trabalhar com seus pais, juntando dinheiro para pagar seus estudos.

Aos 18 anos, deixou a função de ambulante para exercer o cargo de educadora infantil em uma creche onde permaneceu durante dois anos.

Aos 19 anos, Marielle deu à luz a sua única filha, Luyara Franco.

Formação



Em 2002, ingressou na PUC-RIO, com uma bolsa integral fornecida pelo Prouni. Após se graduar em Ciências Sociais, se tornou mestre em administração pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF), onde defendeu a dissertação intitulada "UPP - A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro".



Militância

Sua atuação como militante em direitos humanos começou após o ingresso no pré-vestibular comunitário e a perda de uma amiga, vítima de bala perdida em um tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré.

Participação Política

Seguindo a carreira política, se elegeu, em 2016, para a Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. Ela foi a quinta vereadora mais bem votada da cidade.

Além disso, trabalhou em organizações da sociedade civil como a Brazil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) e construía diversos coletivos e movimentos feministas, negros e de favelas.

Morte

No dia 14 de março de 2018, o carro onde estava Marielle foi atingido por 13 tiros que tiraram a vida dela e do motorista Anderson Pedro Gomes.

Na ocasião, Marielle tinha 38 anos e o motorista 39 anos.

Carolina Maria de Jesus



1914-1977

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento-MG, na região do Triângulo Mineiro. Com o suporte financeiro da patroa de sua mãe, frequentou a escola por dois anos, aprendendo a ler e escrever.

Foi presa algumas vezes por falsas acusações de roubo ou desacato e por queixas banais, como ler ou escrever poesias na rua.

Vivência

Em São Paulo-SP, trabalhou como doméstica e depois mudou-se para a favela do Canindé, onde criou dois filhos e uma filha obtendo sustento como catadora de papel e outros materiais recicláveis. Foram os cadernos velhos recolhidos que acolheram suas memórias e poesia. Em suas palavras: "Quando eu não tinha nada pra comer, eu escrevia".

Sua obra



Com o apoio de um jornalista, após um encontro fortuito, publicou Quarto de despejo: diário de uma favelada: "É que em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo embaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos".

Sua obra registrou o cotidiano para vencer a fome ao mesmo tempo em que revelava e denunciava a miséria e a desigualdade social.

Após o sucesso nacional e internacional do livro, conseguiu comprar uma casa e mudou-se da favela.

Com acesso aos gabinetes de importantes políticos, inclusive do presidente João Goulart, marcou presença na cena política, defendendo educação de qualidade, moradia, emprego e reforma agrária.



Memória póstuma

Seus livros foram publicados, inclusive postumamente; sua vida foi narrada em filme e documentário fora do Brasil, mas Carolina morreu pobre e quase esquecida. Recentemente, em reconhecimento à importância e à originalidade de sua escrita, recebeu homenagens póstumas, sendo estudada no meio acadêmico. Seus escritos inéditos despertam o interesse do mercado editorial.

Lélia Gonzalez



1914-1977

Nascida em Belo Horizonte, Lélia de Almeida é a penúltima dos 18 filhos de Urcinda de Almeida e Acácio Joaquim. Ainda criança, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro para que seu irmão pudesse seguir com a carreira de jogador de futebol.

Formação e Carreira

Em 1954, por conta da carreira de sucesso de seu irmão, Lélia se formou na educação básica no "Colégio Pedro II", uma instituição carioca tradicional. Posteriormente, se formou em História e Filosofia pela atual UERJ e concluiu o mestrado e doutorado em estudos antropológicos e políticos orientados para as questões de gênero e etnia. Lélia lecionou em escolas públicas, foi professora na PUC-RJ e também ministrou aulas em Cultura Negra na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Militância



Apesar de toda sua trajetória na área da educação, Lélia Gonzalez é reconhecida pelo seu envolvimento com as questões raciais e de gênero no Brasil. Ela se dedicou a compreender as especificidades das vivências do negro e da mulher em solo latino-americano e, com isso, cunhou termos como "Amefricanidade". Como ativista pelo direito das mulheres, Lélia se destaca por ser pioneira em sua crítica às questões racistas e classistas que ocorriam dentro do movimento feminista, que desconsiderava as vivências e especificidades da mulher negra latino-americana e da mulher indígena. Em sua trajetória como militante, atuou em movimentos como o Movimento Negro Unificado, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e o Olodum.



Contribuição acadêmica

Gonzalez também é respeitada pela sua crítica à constituição da academia, que referencia apenas homens, brancos e europeus. Além de incorporar o candomblé e autores como Frantz Fanon em suas reflexões, fazendo de suas análises estudos decoloniais. Segundo a pesquisadora: "Estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar, não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles."

Milton Santos



1926-2001

Filho de professores, Milton Almeida dos Santos nasceu em Brotas de Macaúba-BA, na região da Chapada Diamantina.

Formação e Carreira



Milton se formou em Direito pela UFBA e realizou seu doutorado em Geografia na Universidade de Estrasburgo na França. Trabalhou como pesquisador e professor em universidades brasileiras, ocupou cargos de governo e escreveu para jornais como "A Tarde" e "Folha de São Paulo". Com o advento da ditadura militar no Brasil, foi exilado em 1964 e começou uma carreira internacional, trabalhando em universidades prestigiadas em diversos países - Peru, Venezuela, Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, França e Tanzânia. Em 1977, retornou ao país para que o seu segundo filho nascesse em território brasileiro.

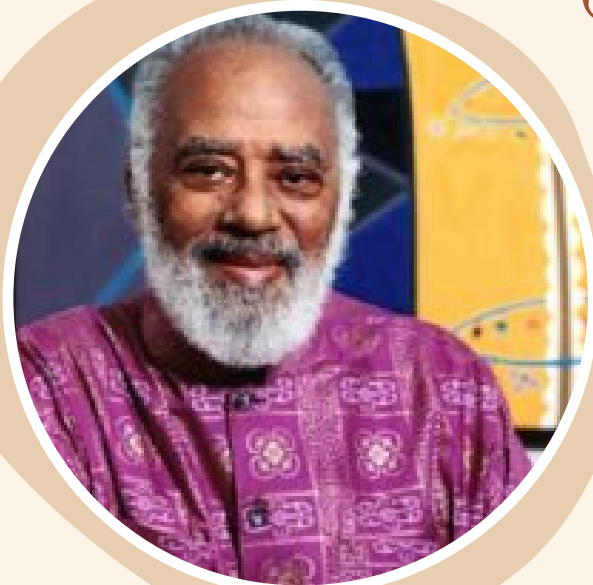


Reconhecimento

Milton revolucionou a área da geografia depois de tratar sobre assuntos relacionados a geografia descritiva, como a importância e as influências do território para a humanidade.

Recebeu títulos como o de Doutor Honoris Causa nas universidades de Toulouse, Buenos Aires, Madri e Barcelona. Foi o primeiro natural de um país de "terceiro mundo" a ganhar o prêmio Vatin Lud - considerado o "Nobel da Geografia". Também foi reconhecido como Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Milton Santos faleceu em São Paulo, vítima de câncer, sendo considerado até hoje o maior geógrafo do Brasil.

Abdias do Nascimento



1914-2011

Neto de africanos escravizados, Abdias do Nascimento nasceu em Franca-SP. Seu pai era sapateiro e músico; e sua mãe, doceira. Trabalhou desde criança.

Serviu como soldado do Exército em São Paulo-SP, onde participou da Frente Negra Brasileira combatendo a discriminação racial.

Formação



Graduou-se em Economia na Universidade do Rio de Janeiro, onde realizou pós-graduação. Recebeu o título de Doutor Honoris Causa de universidades públicas brasileiras (UERJ, UFBA, UNEB, UnB) e da Universidade Obafemi Awolowo em Ilé-Ifé, da Nigéria. Foi professor nesta última e em diferentes universidades dos EUA durante o exílio da ditadura civil-militar de 1964.



Militância

Por resistir a agressões racistas, foi preso na Penitenciária de Carandiru, onde fundou o Teatro do Sentenciado. Liderou a fundação do Teatro Experimental do Negro, que favoreceu a criação de uma dramaturgia focalizada na cultura e na experiência de vida dos afro-brasileiros; além de denunciar a segregação no teatro brasileiro.

Editou o jornal Quilombo: Vida, Problemas e Aspirações do Negro. Fundou e foi curador do projeto Museu de Arte Negra. Participou da fundação do Movimento Negro Unificado e do Memorial Zumbi. Fundou o IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, organização responsável por um dos primeiros cursos de preparação de professores para a introdução da história e da cultura africanas e afro-brasileiras no currículo escolar. Também atuou internacionalmente conectando a luta dos povos negros americanos e africanos.

Participação Política

Em funções de Estado e como parlamentar, trabalhou buscando o reconhecimento da luta pelos direitos civis e humanos dos afro-descendentes como uma causa suprapartidária e questão de política nacional. Introduziu projetos pioneiros de legislação antidiscriminatória e de ação afirmativa, assim como participou da criação da Fundação Cultural Palmares e do Dia Nacional da Consciência Negra.